

MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

A corte na serra

• As cortes de antigamente, do Império e da República, mudavam-se inteiras para Petrópolis no início do verão. O Corpo Diplomático vinha atrás e instalava-se nas casas de suas embaixadas. Fugiam do calor do Rio, que por estes dias dá uma amostra da sua potência, mas também fugiam das doenças que infestavam a cidade, como a febre amarela, a dengue e a malária, que só foi erradicada depois da descoberta do DDT, durante a II Guerra.

A elite brasileira era tão pequena na República que cabia inteira na cidadezinha, então um quinto ou menos do que é hoje. A maior empresa do país era a Light, cujo presidente foi, por muito anos, o major McCrimon, lobista suficientemente arguto para ter Rui Barbosa entre os seus advogados. Mandachuva dos legítimos. Um convite seu para jantar, na casa que mantinha em frente ao Palácio de Cristal, era um imperativo tão forte como atualmente um convite para comer no Alvorada.

Um célebre diplomata brasileiro registrou em suas memórias que, ao voltar da Conferência de Versailles, ao fim da I Guerra Mundial, constatou que, na sua ausência, acontecera um grande progresso social: o embaixador da Inglaterra fundara o Tênis Clube, onde funciona agora o pacato Petropolitano, que logo se tornou o ponto de encontro das autoridades e dos representantes estrangeiros.

Não sei por que os ingleses, que foram capazes de criar um clube de golfe nas alturas pedradas de Potosí, na Bolívia, não construíram o seu nas acolhedoras serras de Petrópolis. Os amantes do nobre esporte escocês tiveram de esperar os anos 50 para poderem taquear à vontade em Nogueira.

Aliás, o mesmo memorialista representou o Brasil na posse de um presidente dos Estados Unidos, uma cerimônia sempre demorada. Precavido, levou um sanduíche no bolso. O seu vizinho, representante da Índia, não levou matalotagem alguma e, por ser vegetariano, recusou a oferta de dividir o bocado com o brasileiro.

Conclusão do nosso diplomata, ao relatar o episódio em telegrama ao Itamaraty: a Índia não estava preparada para tornar-se independente da Inglaterra.

Felizmente, o primeiro-ministro Clement Attlee não era observador tão minucioso e transmitiu a Lord Mountbatten, último vice-rei, a ordem de passar o poder aos indianos, escapando de uma guerra colonial que poderia ter reduzido a do Vietnã à proporção de escaramuça.

O presidente Fernando Henrique Cardoso será beneficiado pela decisão, como convidado de honra para as celebrações da independência da Índia, dia 26.

O major Köeller, a quem Pedro II pediu o plano da cidade, conseguiu organizá-la de tal forma que, encaixada no meio de uma morraria, tem longas avenidas planas. Os últimos presidentes que passaram toda a temporada de verão em Petrópolis foram Getúlio Vargas e JK.

Ambos tinham o hábito de dar longas caminhadas pelos vales. Andavam sem medo de

assaltos ou seqüestros, em companhia dos amigos mais chegados, vigiados de longe por vagos guarda-costas, inclusive o célebre Gregório Fortunato, o anjo negro de Getúlio.

As caminhadas presidenciais passavam obrigatoriamente pela Avenida Ipiranga, onde Fernando Henrique vai hospedar-se. O palacete, que é hoje de Maria do Carmo Nabuco, a mais aguerrida política da família Melo Franco, foi construído por um ex-ministro das Relações Exteriores, o mineiro Olintho de Magalhães, no início do século.

Era ele casado com uma das três riquíssimas irmãs Porciúncula, os melhores partidos da colônia brasileira que se exilou em Paris com a Proclamação da República.

Nem a que se casou com Miguel Calmon du Pin e Almeida, nem a esposa de Olintho de Magalhães, teve descendência. Amélia, que se casou com o embaixador Hipólito Alves de Araújo, teve uma única filha, Stella Fonseca Costa, que herdou a fortuna das tias, inclusive a casa de Petrópolis, que vendeu de porteira fechada, sem jamais lá ter posto os pés.

Quando os Nabuco mandaram fazer o inventário da decoração, verificaram que os móveis, tapeçarias e quadros, que lá estão até hoje, valiam mais que a própria casa.

No porão, havia pilhas de exemplares do jornal "Le Figaro" com as cintas ainda por abrir. Era o relato da I Guerra Mundial, dia por dia. Num gabinete secreto, embutido na curva da escadaria principal, estava toda a prataria dos Porciúncula-Magalhães, que ocupou uma caminhonete quando dona Maria do Carmo mandou devolvê-la à vendedora.

O presidente Fernando Henrique, ao decidir passar um simbólico veraneio em Petrópolis, com toda pompa e solenidade despachando no Palácio Rio Negro, prestigiando o Projeto Aquarius no Quitandinha, almoçando no palácio da princesa Isabel, sendo homenageado na casa da filha da condessa Pereira Carneiro, revive os faustos do Rio de Janeiro, capital do Império e da República, mas vai além.

A sua intenção é reafirmar sua cidadania carioca e apoiar os projetos de desenvolvimento econômico que estão sendo tocados pelo governador Marcello Alencar e pelo seu secretário de Indústria e Comércio, Ronaldo Cezar Coelho.

Logo nos primeiros dias de seu governo, Fernando Henrique declarou que teria carinho especial com o Rio de Janeiro, que tanto tem sido maltratado pelo Governo federal, desde a transferência da capital para Brasília. A ida para Petrópolis é uma maneira de mostrar que a promessa não foi esquecida.